

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

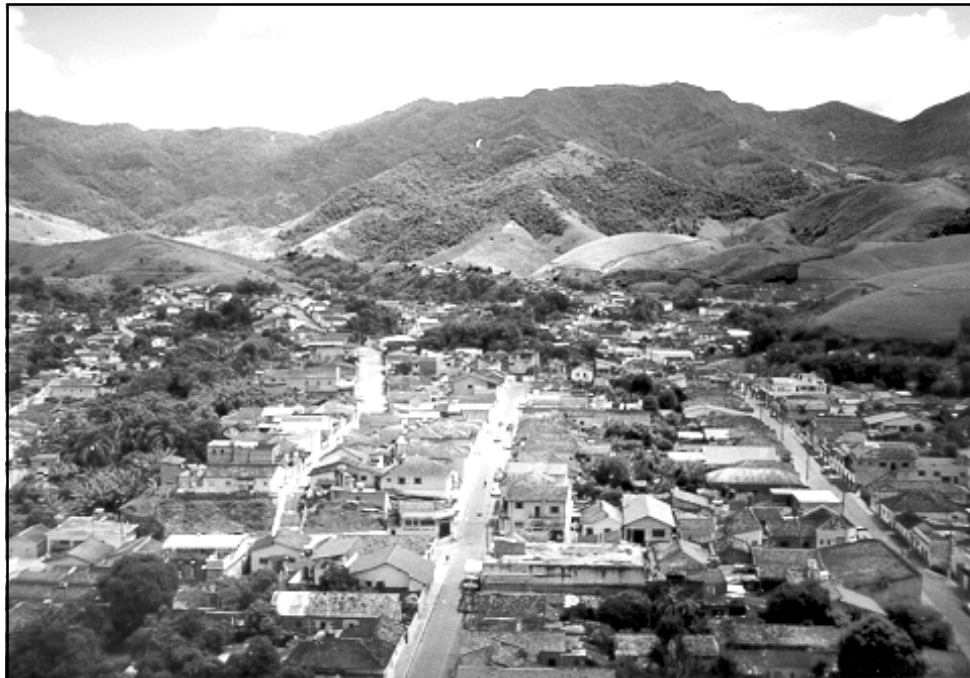
PIQUETE, MAIO/2001- ANO V - Nº 52

EDITORIAL

Com significativa representação de entidades e da população, além de autoridades, o Ministério Público de Piquete promoveu, no dia 08-05, na Câmara Municipal, uma Audiência Pública Ambiental. Nela ficou patente que os problemas ecológicos decorrentes da má gestão ambiental em nosso município precisam de solução urgente. Nossa cidade cresceu na Bacia do Ribeirão Benfica, às margens de seus afluentes, dos quais ela sempre se beneficiou. Historicamente, construímos próximo aos mananciais e nos desenvolvemos. Com o passar dos anos, viramos as costas para nossos riberões, que se tornam esgoto a céu aberto e grande depósito de lixo. Dá pena ver o Ribeirão Piquete agonizar: sem a mata ciliar, com desmatamento nas encostas, tornou-se um fiapo de rio. Nada comparável ao que foi no passado. Um alerta para esta geração.

Basta observar exemplos na história da humanidade para constatar que onde não houve preocupação com o meio ambiente grandes culturas feneceram: Ur, Nínive, toda a Babilônia, Biblos, Tiro, Cnossos, Tróia e, aqui na América, cidades maias, incas e astecas, a população da Ilha de Páscoa e outras. A história nos serve para conhecermos o passado, mas, principalmente, para não repetirmos erros. Água abundante e com qualidade é o de que a população necessita. Quanto mais sadia a água, mais vida ela pode sustentar. Somos responsáveis pela sua conservação e boas condições. Com a ajuda de todos podemos manejar seus vários usos, de modo que os mananciais e as bacias permaneçam preservados, disponíveis e utilizáveis para as várias necessidades humanas, de modo o mais duradouro possível. Entretanto, cabe aos dirigentes políticos uma parcela de responsabilidade nos cuidados a serem dispensados aos mananciais.

Além da água, o promotor deu ênfase às fossas sépticas na área rural, que precisam ser construídas. Foi abordada também a questão do nosso lixo, uma vez que o "lixão" existente já se encontra no limite. Um convênio está sendo firmado entre a Prefeitura e a IMBEL, para a construção de um aterro sanitário em valas, que resolverá, por tempo, o problema. Essa Audiência Pública Ambiental foi um passo importante para o equacionamento desses problemas. Esperamos resultados.



Vista parcial da cidade de Piquete. Ao fundo, a Serra da Mantiqueira, com áreas degradadas, sem cobertura vegetal, próximas aos nossos mananciais. Foto de 2001.

A falta d'água e a crise de energia

O problema de abastecimento de água e geração de energia que vivemos é mundial. Cada país tem buscado alternativas, por meio de estudos e planos de ação, para suprir suas necessidades. A questão é ecológica. Nosso modelo econômico, associado ao crescimento desordenado das cidades, faz com que o consumo aumente.

A água, elemento vital para o homem, está escasseando. Se não for feita a recuperação da cobertura florística, junto dos nossos mananciais, associada a uma estratégia de racionamento, os problemas de abastecimento se agravarão. O país vive uma das piores crises de falta de água e, como consequência, de energia elétrica. Agora que o racionamento é inevitável, sobram justificativas e faltam candidatos para assumir a responsabilidade, que também é nossa. A CETESB indica um consumo diário máximo de 1000L por família de seis pessoas. Aqui em Piquete, o consumo, com base em estudos preliminares, é de quatro a cinco vezes maior do que o indicado. Se atos aparentemente banais, como fechar a torneira ao escovar os dentes, fossem lembrados, os reservatórios não estariam tão baixos. Muitos deles operam com 26% da capacidade. O resultado é que o

racionamento de energia elétrica nas regiões Sudeste, Centro Oeste e Nordeste será iniciado em 1º de junho. Já começa a faltar água no estado de São Paulo. Depois do leite derramado, o governo paulista veicula campanhas na TV para alertar que se o consumo não for reduzido, o racionamento atingirá todas as cidades. O corte de energia também poderá acontecer. A falta de luz elétrica ameaça a segurança e a economia. As indústrias de São Paulo calculam que haverá diminuição na oferta de emprego e que, nas de transformação, deixarão de ser criados 13 mil novas vagas.

Na verdade, o que falta é planejamento por parte de nossos governantes no que tange às questões ambientais, sempre colocadas em segundo plano. A ausência de políticas preservacionistas fez com que chegássemos à atual crise – que está só começando. De imediato, é preciso economizar água e luz e, paralelamente, um trabalho de educação ambiental junto à população. Ao mesmo tempo, recuperação de encostas, matas ciliares e mananciais. Esperamos que, na atual falta de energia, outras luzes iluminem nossos administradores para que possam, sensibilizados, executar ações que promovam a recuperação, sem a qual não haverá a sobrevivência das espécies.

Imagem - Memória



Altar montado em frente a antiga matriz de São Miguel. À esquerda, o vigário, Pe. Septímio Ramos Arantes. Ao centro, o arcebispo metropolitano de São Paulo, D. José Gaspar Afonseca e Silva e, à direita, D. Francico Borja do Amaral, bispo de Lorena.

Uma visita especial

Um evento que ficou marcado na memória da população de Piquete foi o Congresso Eucarístico da Diocese, em maio de 1942. Este teve a finalidade de preparar o povo para o 4º Congresso Eucarístico Nacional, em São Paulo, que ocorreu de 04 a 07 de setembro daquele ano. Nosso vigário na época, Pe. Septímio Ramos Arantes, trabalhou muito junto à comunidade católica piquetense, preparando-a para o evento. Esse trabalho intensificou-se quando da confirmação da vinda do arcebispo de São Paulo e bispos paulistas à Paróquia de São Miguel. A cidade esmerou-se para receber os ilustres visitantes.

No dia 03 de maio, às dez horas, aportaram em Piquete os príncipes da Igreja. Aguardavam a chegada, na avenida Major Pedro, autoridades civis, militares, eclesiásticas, representações de diversas classes, imprensa, etc. Acompanhados de grande comitiva, chegaram: D. José Gaspar Afonseca e Silva, arcebispo metropolitano de São Paulo; D. Francisco Borja do Amaral, bispo de Lorena, D. José Carlos Aquino, bispo de Sorocaba; D. Gastão Liberal Pinto, bispo de São Carlos; Monsenhor João José de Azevedo, vigário capitular de Taubaté, entre outros. Feitas as apresentações, seguiram todos para o cassino dos oficiais, na Vila da Estrela, onde aguardava os visitantes o

Ten. Cel. Waldemar Brito de Aquino, diretor da Fábrica Presidente Vargas e seus oficiais. Foram saudados pela Banda Musical, seguindo, depois, para a Fábrica, onde teve início a visita, que terminou com a bênção de um quadro da Santa Ceia, no refeitório, quando discursou o bispo de São Carlos. Foi oferecido, então, um coquetel aos presentes, durante o qual usou da palavra o diretor da Fábrica, que agradeceu a visita, as bênções e fez uma pública manifestação de fé ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia. Dali, a comitiva dirigiu-se para o Grupo Escolar da Fábrica, local em que foi entronizado um Divino Crucificado, falando ao ato o diretor do mesmo, prof. Acácio de Souza. Os alunos, perfilados, participaram do evento, que foi organizado pela profª. D. Alaíde. Em seguida, a comitiva encaminhou-se para o Grêmio Literário General Carneiro, ao lado do Cine Glória, na Rua Major Carlos Ribeiro, local em que foi oferecido um banquete aos senhores bispos, em nome do povo de Piquete. Saudou os visitantes o secretário da Prefeitura, Sr. Brás Pereira de Oliveira. Em seguida, todos se dirigiram à Prefeitura, onde lhes foram prestadas homenagens pelo prefeito José Monteiro de Brito Júnior e pela edilidade municipal. Acompanhados de grande massa popular, encaminharam-se para a Matriz de São Miguel. O trajeto até ela estava todo

ornamentado de flores e folhagens. Tal foi o afluxo da população, que a matriz ficou pequena, sendo dada a bênção solene do Santíssimo Sacramento num altar montado em frente à igreja, que teve o morro e a praça João Pessoa, atual profª Leonor Guimarães, tomados pela população católica, ávida por ouvir as palavras do arcebispo. D. José Gaspar Afonseca e Silva falou ao povo, dando sua bênção. Após essa grande manifestação de fé e carinho dos paroquianos, os visitantes retornaram a Lorena. Muitos que participaram desse acontecimento, ainda hoje, reverentes, recordam esta especial visita.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editores: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE**José Gomes de Siqueira**

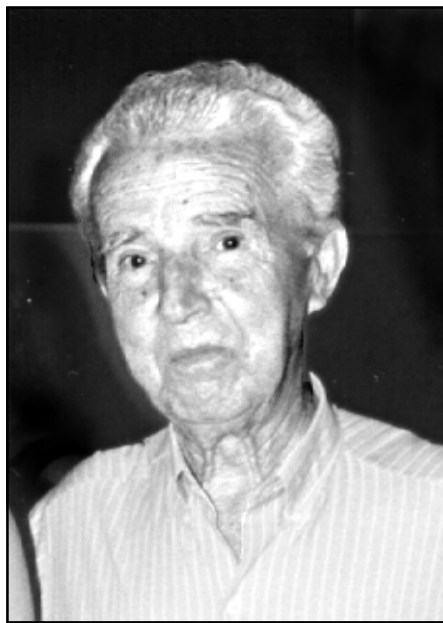
Guardião de nossas memórias, com zelo, carinho e muita dedicação organizou o arquivo da Cúria Diocesana, em Lorena, relicário onde se encontram guardados nossas mais antigas referências histórico-documentais do período colonial e do império: livros de registro de batizados e casamentos, e livros do tomo de diferentes paróquias. Fonte inesgotável para pesquisadores. A importância de seu trabalho talvez poucos saibam e reconheçam. Porém, graças a ele tudo está organizado. Iniciou este trabalho em 1976, atendendo a um convite do então bispo da diocese, D. Antônio A. de Miranda, para ser secretário e ecônomo. Nesta função permaneceu por vinte e cinco anos, aposentando-se, merecidamente, neste mês de maio. Em reconhecimento ao trabalho prestado à Diocese foi homenageado pela Cúria em seu último dia de trabalho, dia 18 de maio.

Quem não conhece em Piquete o Sr. José Gomes? Nascido em Lorena, em 1º de outubro de 1919, é filho de Rosalina Gomes Siqueira e Francisco Gomes Siqueira.

Perdeu os pais ainda criança, sendo criado pelo avô, em Canas. Com 13 anos saiu de casa para trabalhar em diversas atividades rurais em outras regiões do estado. Retornou a Lorena quando do serviço militar, vindo mais tarde, para Piquete, trabalhar na Fábrica de Pólvoras e Explosivos, em 1939.

Voltou a estudar, concluiu o ginásio e passou, então, a trabalhar no almoxarifado. Após alguns anos, foi transferido para a tesouraria, até a se aposentar em 1972.

Em 1942 casou-se com Maria Magalhães de Oliveira Siqueira (Dona Bibiu), de tradicional família piquetense, que o acompanha em todas as atividades.



Enveredou pela política municipal nos anos 60, sendo vereador em 1962.

Religioso, sempre viveu para a Igreja. Tranquilo, de fala mansa, educado, muito organizado, com grande senso de responsabilidade e retidão de caráter: estes são atributos que definem bem esse piquetense por adoção. Sua vida é pautada na fé, no trabalho e, principalmente, no amor ao próximo, constatado no trabalho vicentino ao qual se dedica há 50 anos. Na Vila Vicentina, dedica suas horas de folga trabalhando na administração, arrecadando auxílio e, principalmente, oferecendo um “dedo de prosa” para os idosos. Durante seu dia-a-dia, pessoas necessitadas batem à sua porta em busca de auxílio e nunca saem sem ser atendidas.

“O ESTAFETA” presta, nesta edição, uma merecida homenagem ao Sr. José Gomes, exemplo de fraternidade.

Dia do Trabalho

Celso Colombo

Boa parte do mundo comemora o dia em que trabalhadores tradicionalmente apresentam suas reivindicações a empresários e governos. Ao longo dos anos, os trabalhadores vêm lutando por melhores condições no local de trabalho, melhor assistência social, estabilidade no emprego, reajustes salariais, planos de carreira, jornada de trabalho compatível com a realidade sócio-econômica e assim por diante.

A história registra que muitas dessas reivindicações tornaram-se realidade em muitas países, inclusive no nosso. É claro que os trabalhadores avançaram em suas conquistas e até mesmo ganharam um organismo internacional (Organização Internacional do Trabalho – OIT) que, de certa forma, normatiza as relações entre empregados e patrões, e condena, por exemplo, o trabalho infantil. Enfim, o trabalhador dos tempos modernos está amparado em leis que visam à sua proteção no trabalho e de sua família, quando de sua ausência. Mesmo com todo esse aparato legal, ainda deparamos com uma série de irregularidades praticadas por administrações públicas e privadas, as quais deságuam nas pesadas e densas prateleiras dos tribunais trabalhistas. Disso resultam processos geralmente demorados que acabam por engessar o anônimo trabalhador, forçando-o a buscar alternativas no mercado de trabalho informal.

Neste primeiro de maio, as imagens de TV mostraram passeatas agressivas e fortes conflitos entre trabalhadores e a polícia. Por detrás de toda essa anarquia surge uma palavra que está levando forte temor aos trabalhadores do mundo inteiro: globalização.

Segundo muitos estudiosos e políticos envolvidos com a globalização, este processo é irreversível. Determinará a queda das barreiras alfandegárias, e o melhor produtor é aquele que faz bem a menor custo, em qualquer parte do mundo. O fazer bem a menor custo contempla tecnologia, robotização, informatização que, geralmente, dispensam trabalhadores não qualificados e empregam número cada vez menor de colaboradores. E aí está o grande nó a ser desatado pelos governos, uma vez que o contingente de trabalhadores desempregados tem sido crescente nos últimos anos. A resultante disso pode ser o aumento das tensões sociais, aumento da violência e da criminalidade, crescimento da miséria e, para muitos, o “fácil caminho das drogas”. Cenário de difícil resolução, uma vez que o avanço tecnológico não será interrompido e a fila dos trabalhadores desempregados tende a engrossar. Somente o tempo poderá ajudar os governantes a encontrar a grande saída e, quem sabe, os trabalhadores, em um futuro primeiro de maio, poderão encontrar no pensamento de Voltaire as três grandes virtudes do trabalho: afastá-los do ócio, do vício e da miséria.

Congregados Marianos de Piquete, em Aparecida do Norte. Na última fila, à esquerda, o Sr. José Gomes Siqueira. Foto dos anos 40.

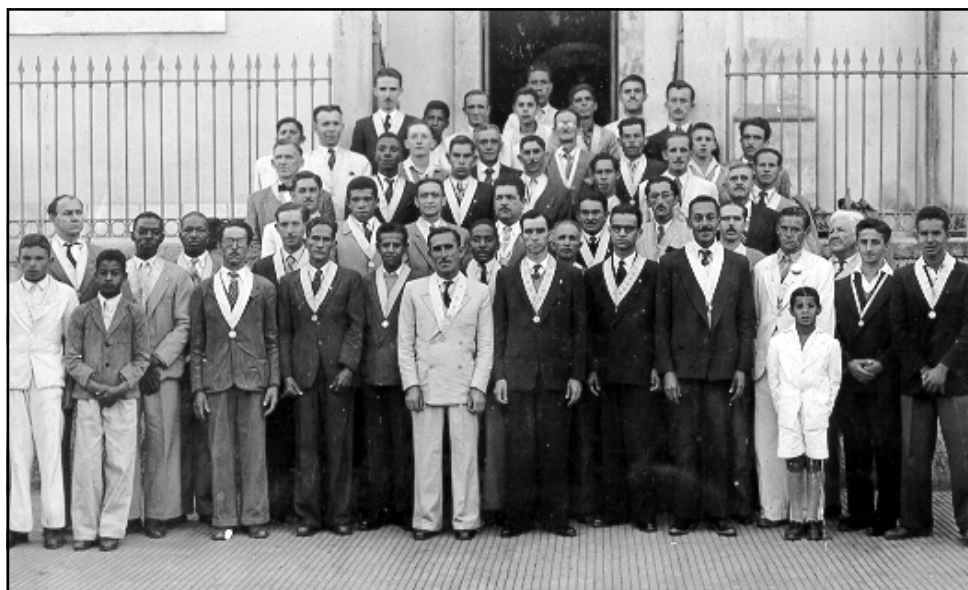


Foto arquivo Pro-Memória

Memorial dos Moradores de Piquete - 8

Uma figura emblemática no século XX

Luttgardes de Oliveira

Este é um nome para nós, piquetenses, de importância relevante, pelos serviços que prestou na instalação e funcionamento do Ginásio da Fábrica Presidente Vargas, como seu diretor, líder incontestado e competente professor.

Professor, tornou-se funcionário da Fábrica Presidente Vargas, onde trabalhou de 1933 a 1960. Foi mestre do Trotil, especializado na secagem do explosivo numa bombona de ferro com serpentina. Luttgardes tomou-se funcionário exemplar, bem formado que era, produtivo, responsável, no modelo dos que eram considerados paradigmas de eficiência.

Luttgardes nasceu em Lorena, aos 7 de abril de 1907, filho de Balduino Ramos de Oliveira e dona Maria Augusta de Oliveira. Casou-se com Maria Aparecida Araújo, (de Oliveira, pelo casamento), a quem ele chama, carinhosamente, Lilly. Caminha, impávido, para o centenário já próximo.

Iniciou os estudos aos 7 anos de idade, na Escola Rural Bairro do Quatinga. Passou, em seguida, para o Grupo Escolar Conde de Moreira Lima, onde completou o curso primário. Interrompeu os estudos para trabalhar no comércio, cumprindo zelosamente as suas funções.

Nessa época, vitorioso em um certame catequético, ganhou seu primeiro relógio-pulseira, conta com justificado orgulho.

Em 1922 ingressou no Colégio de São Joaquim, onde completou o curso ginasial em 1926.

Em 1932 completou o curso de Professor na Escola Normal Patrocínio de São José.

Em 1933, ingressou na Fábrica de Pólvoras de Piquete, depois denominada Getúlio Vargas, onde, depois de ser mestre, foi transferido para o Departamento Educacional, criado na década de 1940. O Cel. José Pompeu

Monte, grande idealizador junto ao Cel. Waldemar Brito de Aquino, do Departamento citado, queria, ao lado das escolas profissionalizantes, estabelecer um ginásio de molde acadêmico, para o qual foi designado o professor Luttgardes como organizador e mentor.

Casado com Lilly, (dona Maria Aparecida), em 27 de junho de 1936, Luttgardes e ela mudaram-se para Piquete, e os seis filhos do casal foram nascendo: Luttgardes de Oliveira Júnior, Leny, Leo Eduardo, Laerte Mauro, Lúcia Maria e Luciano Marcos.

Criado o Ginásio, os professores foram chegando: alguns lorenenses, outros de mais longe. Além do ginásio, depois foram criados os cursos: clássico, científico e o normal, hoje Magistério.

A expansão de um sistema sempre causa atritos pelas partes associadas, principalmente quando a situação hierárquica representa parcelas de poder disputadas em cargos escalonados no mérito.

Pressionado por desentendimentos entre as partes envolvidas nos escalões de direção e cargos de comando, Luttgardes retomou aos quadros funcionais, lotado na Diretoria Técnica. Como excelente matemático e com visão ampla, redigiu um relatório que flexibilizava o comércio dos produtos fabricados, relatório que, embora de alto nível de adequação aos fins propostos, não foi aplicado. Convidado a retornar ao setor administrativo do Ginásio, declinou da honra do convite. Mas, acrescenta com brilho especial nos olhos e emoção na voz – O meu ginásio! Experimentado que fora nos cursos de Madureza que fundara em Lorena, antes de mudar-se para Piquete, Luttgardes era e continua sendo um grande mestre. Impôs-

se como tal. Além de lecionar a “espinhosa” matemática com a extraordinária clareza que lhe é peculiar, cobria as ausências dos professores nas respectivas disciplinas. Polivalente, no melhor sentido. Assim também o era como orientador nos estudos dirigidos que os alunos faziam no grande galpão, após as aulas matutinas, nas classes separadas, e o almoço balanceado da Cantina Escolar. A versatilidade de Luttgardes era invejável. Sempre firme, pesquisando e atendendo solícitamente às dúvidas, remetia-nos ao trabalho. Sou prova disso. Cobrava dos professores projetos metodológicos e acompanhava suas realizações.

Em 1960 aposentou-se e mudou-se para Lorena. Aí passou a lecionar no Ginásio Estadual Arnolfo de Azevedo, onde permaneceu por 17 anos, granjeando sempre admiração e reconhecimento.

Quando ainda em Piquete, foi fundador da Associação Comercial, para a qual convidou os comerciantes da cidade e empenhou-se na organização da entidade. Tornou-se maior alvo. Sempre lúcido, foi parâmetro e fiel de muitas pelejas político-partidárias, envolvido as mais das vezes em questões polêmicas, das quais, como espelho, acabava reflexo de jogos conflitantes. Assim são os modelares: pagam alto preço pelas referências que representam.

Afinal, um operário como diretor?

Preocupado com o perfil de seu aluno, sua origem, destino e perspectivas, Luttgardes preocupava-se com a população da cidade, que ele queria ver autônoma, por opção de escolhas, e não dependente apenas das benesses de um modelo.

Diz ele, completando esta edificante conversa e falando do Ginásio: “A escola foi minha. Era a minha escola”.

Mostrou-me sua foto de formatura da 4ª série, junto aos professores Genésio de Assis e Maria Nazareth de Campos Mello, cujo Diretor era Francisco Prudente de Aquino. A foto é datada de 18-12-1919.

Ganhou a foto de seu professor com a seguinte dedicatória: “Ao prezado amigo Luttgardes, distinto entre aos distintos, offereço esta photographia”. Seguem-se a assinatura e a data.

O que acrescentarmos, senão nosso aplauso comovido, Professor Luttgardes. Aceite nosso agradecimento perene.

E, para terminar, um recorte de texto de Manuel Bonfim (1868 – 1932), médico e educador: “O educador é um libertador de consciências, um revelador de talentos, um definidor de caracteres; e só se pode confiar essa missão às inteligências livres, aos corações sinceros e bons, aos caracteres lógicos e vigorosos.”

Assim é Luttgardes.

Dóli de Castro Ferreira

Professores e alunos do antigo Ginásio da FVP. Ao centro, o Prof. Luttgardes, seu organizador e mentor.

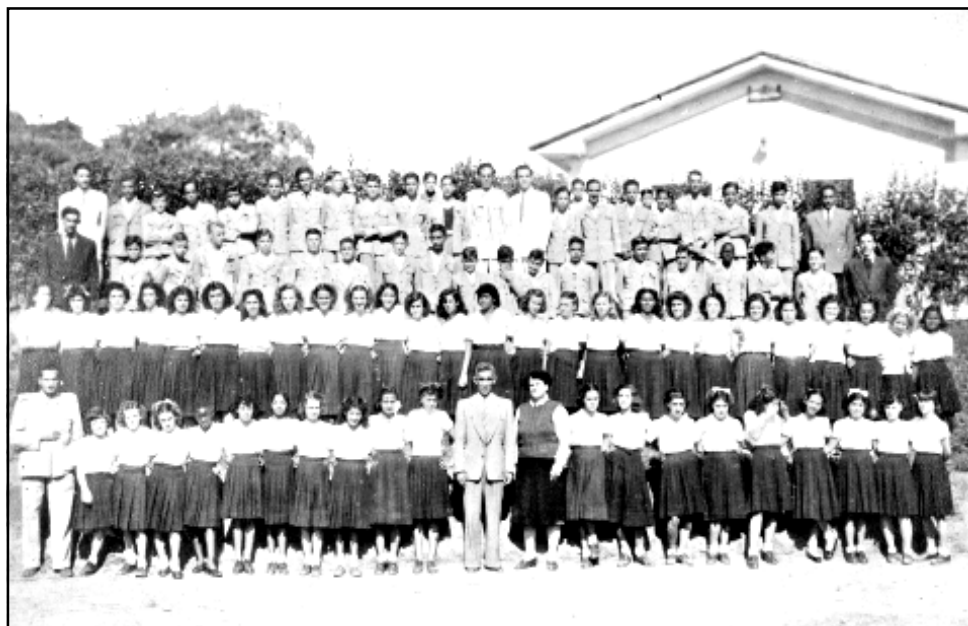


Foto arquivo Pro-Memória

O anjo da avenida no Carnaval de 2001

Quarta-feira de Cinzas. De branco, um menestrel solitário atravessa a rua, ligeiramente movimentada, tocando um bandolim. O som é delicado e o toque é suave. A melodia, a do samba do Carnaval em homenagem a um anjo de luz, libertador, liberador de felicidade e alegria, vitorioso nos combates contra o mal. Somos todos o anjo.

O menestrel é o compositor e diretor da Escola de Samba Império do Braz, centrado num anjo, em nome de um homem que dá o nome à escola: o Braz, da Vila Eleotério, prolongada da soberana Raia. Só poderia ser um império, onde a comunidade se espraia, dança, batuca, encanta, se sacode frenética e apaixonada, e dá aos espectadores o show efêmero, marca de um tempo renovado cada ano, do suor, lágrimas e frustrações contidas. E que brilha na avenida, ao som de batucque cerrado dos couros estimulados pelos braços dos batuqueiros afinados. Não é outra a sua glória.

E lá vão os anjos do abre-alas, alados na forma do Arcanjo do frontispício da Matriz, integrativo cultural do que espera o 3º Milênio cristão, e, portanto, também os índios, (um tanto americanizados do norte, mas enfim, continentalmente globalizados), acompanhados da onça guardiã, as fauces arreganhadas. E mais anjos estilizados nas alegres revoadas. Os destaques, as baianas veteranas entesouradas de sabedoria, a criançada em aprendizagens, os ritmistas, os cantores afinados nos dedilhados das cordas. E mais uma Eva dourada, juvenil na volúpia referenciada, tendo a segui-la o feiticeiro, o mago exorcista das lutas maniqueístas. Crianças, adultos, figurantes no desfile que tudo engloba e faz da síntese da vida a vida mediada em Eros-Tânatos, a vida da individualidade renovada de um bairro que mostra na Avenida a força distinguida das origens. Pernas ágeis, cadência, fogos de artifício avivados, o batuque cresce. E a bateria, sua rainha e os mestres. O samba se impõe, o estribilho vibra na empolgação e segue. O enredo está narrado. Um grande anjo triunfa no final, anunciado pelos mestres-salas e porta-bandeiras equilibristas. E mais todos os exilados da sorte por mais um inteiro ano, para brilhar no instante fugaz da avenida, em nome da felicidade na democracia possível.

Os anjos finalmente anunciam sermos nós um só anjo magnífico no esplendor de uma beleza humanizada.

Da letra e música do professor Gil, "Claridade", os estribilhos são repetidos no recôncavo alongado do vale e permanecem: "Venha ser feliz na avenida", (...) "Eu sou o Anjo que ilumina esta cidade".

Dóli de Castro Ferreira

"Mãe, isso nos compete a nós?"

Imprudência ou imprevidência? De quem a culpa: do noivo, da família, do "promoters"?

Maria segreda ao filho: "Eles não têm vinho". Não é uma crítica. A mãe de Jesus se preocupa tão-somente com o desconforto dos noivos.

Vocação-profissão: dona-de-casa. Um cérebro e um coração divididos em muitas ocupações e preocupações.

Um corpo com muitas extensões.

Sublime extensão, a do volume do ventre portador de vida e do peito portador de alimento.

Lógica extensão, a da mãe com o filho ao colo.

Estranhas extensões, as que criam conjuntos fantasmagóricos, que a nossa mente registra sem entender: a mulher-fogão, a mulher-tanque-de-lavar, a mulher-tábua-de-passar, a mulher-roca-de-fiar.

Uma alma que se espraia, se espraia, se espraia... Meu filho, meu marido. Meus pais, meus sogros. Meus vizinhos. Minhas comadres. Meus padrinhos, meus afilhados. Meus irmãos, meus cunhados.

Cérebro que destrói e reconstrói todas as lógicas. Que organiza o caos. Que faz cessar um movimento, se engaja em outro movimento e volta a dar impulso ao primeiro movimento.

Não sei se fui feliz na descrição. Mais ou menos assim é a dona-de-casa. Mais ou menos assim foi a mãe de Jesus.

Jesus não entendeu a lógica de Maria. Mas atendeu



As Bodas de Caná

Ninguém entende a lógica, a logística, a estratégia das donas-de-casa. Mas ninguém se preocupa. Tudo dá certo.

O marido morreu. Os seis, oito, dez filhos vão muito bem, obrigada. Ela, apesar das varizes e da coluna torta, vai bem, graças a Deus.

Sendo assim, só nos resta dizer: – Santa Maria, dona-de-casa, rogai por nós!

Abigail Lea da Silva

Festa de São Benedito

A Festa de São Benedito deste ano teve início dia 03-05, às 18h, com o levantamento do mastro em frente à capela, seguido por terço e missa. Todas as noites houve barracas e atrações diversas para a população. No domingo, dia 06-05, às 11h, aconteceu a saída da Cavalaria, partindo da frente da igreja para as ruas da cidade. À tarde, apresentação do Grupo Folclórico Religioso Moçambique, de Lorena – Bairro Santo Antônio, e às 17h, a solene procissão

acompanhada por centenas de fiéis, com missa no encerramento.

Mais uma vez a Cavalaria de São Benedito abrilhantou as comemorações da Festa do tradicional santo. Estão de parabéns os membros da sua diretoria: Presidente: Carlos José Mazula; Vice-presidente: Belzinha; 1º Secretário: Sebastião "Quermesse", 2º Secretário Agripina; Mantena Chefe: Manuel Serafim.

Cavalaria de São Benedito. À frente, com o estandarte, o Sr. Manuel Serafim.



Foto Francis Beckmann

Irmandade de São Benedito



Foto arquivo Pro-Memória



Vista parcial de Piquete, em 1942. Ao fundo, à esquerda, a Praça da Bandeira. À direita, na "Rua de Cima", ou Cel. Luiz Relvas, o antigo Grupo Escolar e a república da Polonesa.

Foto arquivo Pro-Memória

A república da polonesa

Quando, em 1942, o Comando do Exército sentiu que o Brasil enviaria seus homens para combater na 2ª Guerra Mundial, tomou a providência de aumentar o efetivo dos seus regimentos sediados em terras paulistas, para isto convocando reservistas.

O 5º R.I. de Lorena criou uma companhia só de convocados, que, no início de novembro, deslocou-se para a estação ferroviária, não sabendo os "pracinhas", como eram chamados, para onde seguiriam. Seria para o litoral? Seria para o Nordeste? Ninguém sabia.

Foi uma surpresa quando embarcaram nos vagões do Ramal de Piquete e só então souberam que iriam ajudar a guarnecer a Fábrica de Pólvoras do Exército que, ouviram depois os boatos, estava sendo ameaçada de ações de sabotagem.

Ficaram no alojamento do Contingente de Vigilância da Fábrica e, no dia seguinte, formados, o comandante indagou da tropa se entre os convocados havia médicos, farmacêuticos, professores, dentistas e outros profissionais diplomados. Apareceram três médicos, quatro professores e vários outros, que receberam ordem de apresentação em cada setor da Fábrica ligado à sua profissão, na mesma hora.

Foi assim que os quatro professores – Hélio Fábio Di Domenico, Joracy Faury, Ludovico Leonardo Mollica e quem escreve estas linhas – foram apresentar-se ao Major José Pompeu Monte, num edifício que tinha sido detenção dos técnicos húngaros, logo abaixo do Contingente, onde estava iniciando um Aprendizado Industrial destinado a preparar mão-de-obra para a Fábrica, que estava aumentando sua produção atendendo às necessidades de um exército que entraria em guerra.

O Major Monte procurou saber a formação de cada "pracinha", dando-lhes atribuições no nascente Aprendizado, que já tinha uma oficina de mecânica dirigida pelo mestre Willy Wieth, e começaria as aulas de cultura geral, tudo dirigido pelo Prof. Augusto Ribeiro de Souza, ambos funcionários da Fábrica.

Os agora chamados "pracinhas-professores", fardados sempre, procuraram na cidade um local para as refeições,

poupando a caminhada até o refeitório no interior da Fábrica, e uma casa onde houvesse possibilidade de uma pouco mais de conforto do que o alojamento militar.

Encontraram o que queriam. As refeições seriam na casa de D. Ritinha, esposa do Sr. Juca Pinto, chefe da Estação da Estrela, que dava pensão para militares e funcionários da Fábrica, enquanto acharam a parte superior de um sobrado, no que chamaram "rua de cima", bem perto do antigo Grupo Escolar, onde terminei minha alfabetização em 1928, e que tinha dois cômodos. O prédio era conhecido como o "sobrado da polonesa" – cujo nome nunca soube – e lá se instalaram os "pracinhas-professores", num ambiente saudável.

No quartel só dávamos serviço de patrulha pelas ruas da cidade e uma ou outra "aplicação militar", preparo para combates, mas nos chamaram para o final, a marcha de 36 km, até Lorena e, quando todos esperavam que afrouxássemos, só o Leo não agüentou, logo ele que jogava futebol... Numa dessas patrulhas, o cabo que a comandava foi avisado de que um operário da fábrica agredira, no fim da Vila Barão, um homem com um facão e ninguém tinha coragem de desarmá-lo, pois dizia que meteria o facão ensanguentado em quem tentasse. Vinha ele cambaleando, bêbado e o cabo dividiu a patrulha para cercá-lo, ficando dois pracinhas para enfrentá-lo. Erguia o facão pra toda gente, mas quando nos aproximamos calmamente e ele nos viu, disse: "Pro Vagelista, eu me entrego, proque o pai dele é um home muito bão!!". Assim, tomei-lhe o facão e o levamos à delegacia de polícia.

Logo veio se juntar mais um pracinha, que deixara o Seminário "por cansaço cerebral" e fora obrigado ao serviço militar de que seria dispensado se continuasse seus estudos religiosos. Como achava que para lá voltaria, gostava de ser chamado de "padre", como o Major Monte nos disse, quando nos fez sua apresentação, pedindo-lhe uma vaga na "República da Polonesa". Este "padre" em pouco tempo foi "descanonizado" e se tornou um dos nossos. Era o Miguel Kruse Médici, um amigo querido, que Deus há pouco chamou. É por sua inspiração que estou escrevendo estas memórias. **José Geraldo Evangelista**

Crônicas Pitorescas

Lá vai o talco

Palmyro Masiero

Corria o ano de 1896. Expressãozinha velhaca. Se ele e os subseqüentes pelo menos fossem andando, talvez estivéssemos pelos idos de 1990. Afobadinhos... Naquele ano, deu entrada na Câmara um documento explorador. Não pensem em corrupção, que não se trata disso. Um requerimento, que entrou na pauta em 12 de junho e sua aprovação unânime em 16.

Leiam um trecho dele: *Illustres Cidadãos Presidente e mais Vereadores da Câmara Municipal de Villa Vieira do Piquete. Os abaixo assignados, George Gruber & Companhia, residentes em Taubaté, tendo obtido do Governo Estadual o despacho da requerida concessão e privilegio por cinquenta annos, a seu favor, conforme a Lei que regula a matéria para explorar nas terras do Piquete e Lorena, zona norte e oeste do rio Parahyba, os mineraes seguintes: - Talco, amianthe, ouro, prata, cobre, ferro, kaelim (que diabo é isso?), alumínio, etc, etc, precisam para o fim de garantir e consolidar a referida concessão, que vos digneis conceder-lhes autorização para explorar os referidos mineraes e forças hydraulicas dos rios e ribeirões, dentro dos limites deste Município, quer em terrenos particulares, com annuencia de seus proprietários, quer em terrenos próprios da Câmara, afim de collocar as oficinas ad-hoc, para transformar os referidos mineraes (e vegetaes) em produtos commerciaes.*

Tadinhos... Não acharam nem sombra do que procuravam, a não ser o talco. Como ando com a cabeça repleta de picaretagem e mutretas que abundam nesta terra cabralina, estou sempre com um pé atrás (e outro na frente, senão caio). Para mim, esses gringos já sabiam que aqui existia talco. Alguns arapongas a serviço desses caras andaram a vasculhar nossas terras muito antes do envio desse pedido.

Vejam se não tenho motivos para suspeitas: Em outro trecho do requerimento a companhia George Gluber diz que obtivera do Governo Federal *a patente de invenção e exclusivo privilegio do monopólio do talco*, justamente a única coisa da solicitação que fizeram e encontraram. Ah! Me enganem que eu gosto.

Se foram os primeiros a extrair o talco da serra não sei, mas os direitos já lhes pertenciam de antemão, por conta do Governo brasileiro. Por que não encontraram mina de pó de arroz, cascata de Chanel número 5, cachoeira de água de colônia? Estaríamos completos: uma paisagem exuberante e com ar cheiroso por natureza.



Foto Datto Vieira

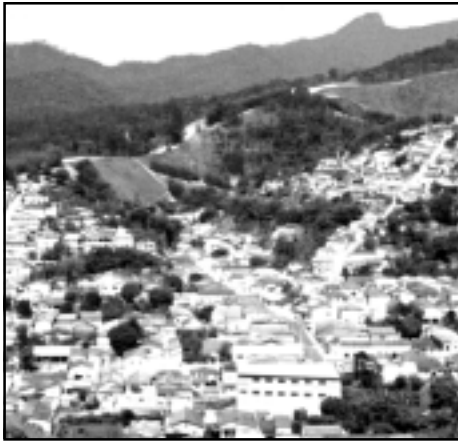


Foto arquivo Pro-Memória



Foto Datto Vieira

Vistas parciais de Piquete. A cidade cresceu sem planejamento, subindo encostas, tornando algumas áreas de risco para a população. A Lei Complementar nº 58/92 dispõe sobre o parcelamento do solo para fins urbanos e dá outras providências. Devemos fazer cumpri-la.

Plano Diretor

No momento em que se discute a necessidade da elaboração de um Plano Diretor para Piquete, a Fundação Christiano Rosa oferece sua colaboração divulgando uma síntese do trabalho da Companhia Energética de São Paulo, denominado “Plano Diretor Municipal – Manual de Cidadania”, que tem como coordenadora a arquiteta Ana Maria de Gouvêa e consultoria do Jorge Wilheim Consultores Associados.

A intenção da FCR é fornecer subsídios técnicos para a elaboração do Plano Diretor de Piquete.

Para facilitar o entendimento, estaremos publicando os capítulos a partir deste número.

Capítulo I

Na elaboração do Plano é importante o entendimento do conceito de cidade. Shakespeare definiu “O que é uma cidade senão sua população?”. G. Gullen escreveu: “Uma casa é uma casa; já duas casas, uma ao lado da outra, são uma paisagem urbana”.

Uma cidade é povo mais paisagem, ou um vasto cenário formado por ruas, praças e edificações, disposto sobre o relevo de uma área determinada, com sua colinas, rios e várzeas. Vivendo neste cenário, uma população, com seus costumes, suas relações familiares, suas relações de trabalho, suas carências e desejos, e, acima de tudo, com uma grande vontade, individual e coletiva de melhorar a qualidade de sua própria vida.

Vista parcial de Piquete. Ao fundo, o Alto da Bela Vista.

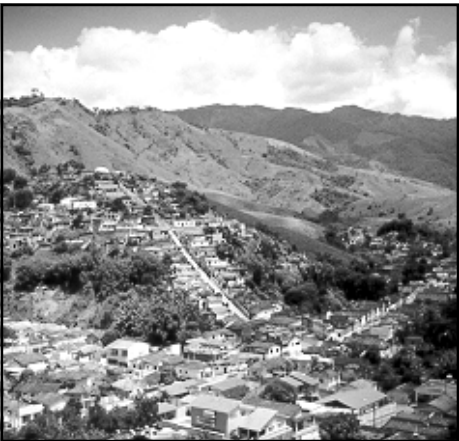


Foto Datto Vieira

Por isso, para se conhecer uma cidade é necessário conhecer de onde vem, como se agrupa e se divide sua população; quais seus interesses, suas vontades, e quais os conflitos inevitavelmente gerados por tantas vontades individuais. Por outro lado, é necessário conhecer o palco físico em que vive a população, a rede de vias, as condições de moradia e o meio ambiente, isto é, o entorno em que se realizam as atividades urbanas, que inclui as condições de solo, das águas e do ar.

Cada cidade constitui, por sua vez, um elo em uma cadeia de outras cidades da região; é um elemento da chamada rede urbana. É preciso entender como ela e a vida de seus habitantes se relacionam com o restante da rede.

O que é um município?

Município é uma divisão político-administrativa do território nacional.

Em quase todos os municípios, além da cidade e dos pequenos bairros isolados, há uma zona rural dedicada à agricultura ou coberta por florestas ou outros sítios naturais não urbanizados.

O Plano Diretor deve abranger todo o município e não apenas sua zona urbana.

Como se melhora a cidade?

Numa cidade há tensões, conflitos de interesses, muitas oportunidades e uma vontade comum: a de que a cidade melhore. Mas o que quer dizer “melhorar a cidade”? Melhorar para quem?

Para alguns, isto significa encontrar moradia, respirar ar puro, reduzir custos dos transportes, melhorar o acesso à educação e à cultura; para outros, melhorar a cidade significa mais segurança.

É preciso estabelecer uma escala de prioridade destas expectativas de melhoria. Para isso é necessário agrupá-las, medir quais grupos apresentam maior deficiência, verificar quais setores da sociedade se ressentem dessas deficiências e optar politicamente pelos setores sociais que se deseja beneficiar, comparar o dinheiro existente com os dispêndios necessários ao atendimento das expectativas e, finalmente, escolher prioridades e programar as ações no tempo.

Com que ferramentas se pode contar?

Depois de saber o que deve ser melhorado e qual a ordem das prioridades, é preciso conhecer as ferramentas, os instrumentos com que a cidade conta para realizar essas melhorias. Os principais instrumentos de ação são: os mecanismos político-democráticos, a Lei Orgânica e outras leis, a mobilização da sociedade – por meio de seus empresários, de seus trabalhadores, dos moradores em geral, para realizar mudanças para melhor; incentivos fiscais e distribuição adequada das receitas arrecadadas (taxas e impostos) e fixadas no orçamento de cada ano; a legislação municipal sobre o uso do solo (zoneamento) e sobre os serviços (transporte e outros); é o Plano Diretor que estabelece “onde fazer o que”.

Os instrumentos podem pertencer às esferas políticas social, jurídica, econômica ou institucional. E o Plano Diretor figura entre essas ferramentas destinadas a transformar, a melhorar a cidade.

A reflexão sobre o que se deve melhorar na cidade, sobre os recursos com que se conta e sobre quais instrumentos de que se dispõe faz parte do planejamento da cidade. É este planejamento que produz o Plano Diretor, isto é, a programação de medidas possíveis, que levam à melhoria da qualidade de vida na cidade.

Arq. Ana Maria de Gouvêa
(continua no próximo número)

Vista parcial de Piquete.



Foto Datto Vieira



Apresentação do Grupo Folclórico Religioso Moçambique, de Lorena - Bairro de Santo Antônio, no dia 03 de maio, em frente à Capela de São Benedito, em Piquete.

Moçambique

O moçambique, bailado guerreiro de origem negra, sem enredo, ao som de instrumentos de percussão, é uma dança que representa momentos de ataque e de defesa. Os participantes usam um pequeno bastão com muita agilidade, em que as batidas correspondem à harmonia de ritmos com a melodia plasmada em música primária que obedece a uma sequência combinada. Os bastões parecem obedecer aos dançarinos, como se tivessem vida própria, e o som de um bastão tocando o outro lembra muito o barulho de

castanholas. Os músicos se encarregam da melodia, do ritmo e do compasso para essa curiosa dança. A vestimenta do grupo de moçambique é simples: de algodão branco e uma faixa transpassada no corpo. A música é uma toada monótona, verdadeira melopéia, com mudanças bruscas e paradas de suspensão que proporcionam alteração nos movimentos dos bastões, dando oportunidade aos dançarinos de exibirem maior ou menor habilidade no jogo do manejo dos mesmos.

Comunicado à população

O Brasil está passando por uma crise de abastecimento de energia elétrica sem precedentes em sua história. Para evitar “apagões”, o Governo Federal está lançando um pacote de medidas visando à diminuição do consumo de energia elétrica nas cidades e residências. A água também deve ser economizada, pois está diretamente relacionada com energia elétrica. As medidas do Governo são traçadas com bases em metas e devem ser cumpridas, sob pena de multas. No entanto, podemos colaborar com algumas medidas simples e eficazes:

- Evitar tomar banhos demorados.
- Apagar as luzes ao sair de um cômodo.
- Não deixar a TV ligada quando não há ninguém assistindo.
- Programar a utilização do ferro de passar roupa, acumulando as roupas para serem passadas todas de uma só vez.
- Evitar a utilização de qualquer eletrodoméstico que tenha resistência, como torradeiras e aquecedores.
- Eliminar vazamento em torneiras e descargas.
- Desligar a torneira ao escovar os dentes, barbear-se e lavar louças.

Notas da Cidade

□ A Escola Estadual “Profa Leonor Guimarães” promoveu, no dia 10-05, no auditório da Escola, um concorrido sarau e mostra de artes. Houve apresentação de piano, declamação de poesias e leitura de textos, entre outros, de Dóli de Castro Ferreira, Francisco Máximo e Mariinha Motta. Foram expostas várias telas de artistas locais. O evento comemorou o Dia das Mães e alcançou seu objetivo: reuniu grande número de pessoas, agradando a todos. Parabéns pela iniciativa.

□ A Fundação Christiano Rosa recebeu a visita da turma de Peritos em Meio Ambiente, curso de pós-graduação oferecido pela UNISAL de Lorena. Sob a orientação do Prof. José Demétrius Vieira, o grupo realizou incursão na mata da IMBEL para observação de sinais de degradação e recuperação da área. A FCR foi representada por seu presidente, Paulo Noia de Miranda, técnico em Meio Ambiente, que também ministrou palestra aos alunos.

□ A Prefeitura Municipal está desenvolvendo convênio com a UNISAL de Lorena para oferta de estágio aos alunos de Turismo. Nesse sentido, no dia 28 de abril, 42 alunos da Faculdade de Turismo daquela Universidade visitaram Piquete, coordenados pela Profa. Márcia. Foram recebidos pelo presidente da FCR, Paulo Noia de Miranda e por seu diretor, Antônio Carlos Monteiro Chaves. O grupo visitou a Vila Estrela do Norte e os monumentos históricos do Município. Por meio desse convênio pretendem propor alternativas para o crescimento do turismo em nossa cidade.

□ Os alunos do 2º ano do Curso Técnico de Turismo do Colégio Modelo – Objetivo de Piquete organizaram, nos dias 17 e 18 de maio, uma Exposição de Arte, sob o tema “Luz mais Luz”, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”. Foram expostos vários trabalhos de artistas do município e houve várias apresentações musicais. Parabéns.

□ O artista plástico piquetense Lúcio Meireles está ministrando aulas de desenho e pintura para os amantes das artes plásticas. Formado pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, Lúcio Meireles destaca-se em nosso município com seus trabalhos surrealistas. Interessados, aproveitem a oportunidade.

□ **Lançamento de Livro:** O piquetense Wanderley Gomes Sardinha fará o lançamento de seu livro “**Narrativas Piquetenses**”, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, no dia 09 de Junho de 2000. O trabalho foi prefaciado por Dóli de Castro Ferreira e tem orelhas de Francisco Máximo e Marlene Sardinha. O evento ocorrerá no mesmo dia da abertura da exposição “Um olhar sobre a Mantiqueira”, com fotos do jovem Frank Ferrer Senne e textos de Dóli de Castro Ferreira.

Exposição Fotográfica “Um olhar sobre a Mantiqueira”

de Frank Ferrer Senne, com textos de Dóli de Castro Ferreira

Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”
De 09-06 a 17-06
Das 18h às 22h